

Variação Linguística – Feijão com Arroz

Resumo

Varição linguística é o modo pelo qual a língua se diferencia dentro do seu próprio sistema. Esta diferença pode ser histórica, geográfica ou sociocultural. Vemos que a língua não é única, que o sistema linguístico abriga diversos ângulos na realização linguística. Observamos a diferenças na fala que se relacionam à idade, à região do país, à cultura e até mesmo ao estilo. Se prestarmos bastante atenção, perceberemos que a variação acontece nos mais variados segmentos da língua, como o fonético, o sintático, o léxico, o semântico etc. Tudo isso também configura a evolução da língua, o seu desenvolvimento e sua adaptação através do tempo e das mudanças sociais.

A área de estudo que busca entender e descrever as diferentes manifestações linguísticas em um mesmo idioma chama-se sociolinguística. O pesquisador dessa área busca verificar entre os falantes de determinadas línguas diferenças nos modos de falar de acordo com quatro níveis:

Varição diacrônica

A língua varia no tempo e essa variação passa a ser notada ao comparar dois estados de uma língua. O processo de mudança é gradual, ou seja, não acontece de repente.

Uma língua muda porque é falada segundo os costumes, a cultura, as tradições, a modernização tecnológica e o modo de viver da população, que estão sempre em constante processo de mudança devido ao tempo. Por isso, as mudanças da língua podem ser percebidas com o contato com pessoas de outras faixas etárias e com textos escritos ou falados de outras épocas.

O pronome tu, por exemplo, antigamente, era o único pronome de segunda pessoa do singular; entretanto, com o tempo, outras formas de tratamento surgiram, como Vossa Mercê e Vossa Majestade. A palavra “vossa mercê” se transformou sucessivamente em “vossemecê”, “vosmecê”, “vancê” e “você”. Além disso, ao longo do tempo, algumas palavras tiveram alteração na pronúncia, mas não na escrita, enquanto um mesmo som pode ser apresentado com diferentes representações.

Varição diatópica

A língua varia no espaço pois pode ser empregada diferentemente dependendo do local em que o indivíduo está. A variação diatópica diz respeito justamente às diferenças linguísticas que podem ser vistas em falantes de lugares geográficos diferentes. Por isso, é mais observada em locais diferentes mas com falantes da mesma língua.

A macaxeira, por exemplo, muito consumida no Norte e no Nordeste, é chamada de aipim ou mandioca no Sudeste. Outro exemplo é a palavra “mexerica”, que, em algumas regiões, é conhecida como “bergamota” e, em outras, como “tangerina”. No entanto, essa variação não se trata apenas de uma variação no léxico: questões fonéticas e gramaticais também são amplamente consideradas. No que se refere à sintaxe, nota-se que é grande a recorrência de alguns termos sintáticos, como, por exemplo, “vou não” em vez de “não vou” e “é não” em vez de “não é”.

São diversos os exemplos desse tipo de variação. Muitos deles são apropriados pelas diferentes regiões, tratando-se apenas de variações bem-conhecidas. No entanto, há casos de desconhecimento e dificuldade de comunicação devido à divergência dos termos para um mesmo significado.

Variação diastrática

A língua varia de acordo com fatores sociais. A variação social está relacionada a fatores como faixa etária, grau de escolaridade e grupo profissional e é marcada pelas gírias, jargões e pelo linguajar singelo, já que são aspectos característicos de certos grupos.

- **Fator etário:** A idade dos participantes da comunicação é um dado relevante, já que, a partir dela, serão feitas escolhas linguísticas diferentes. Isso é visível na comparação entre um jovem e uma pessoa mais velha, em que cada um usará vocábulos mais comuns à sua geração.
- **Fator da escolaridade:** Este fator se liga a uma categoria essencial, que é a educação. Na escola, aprende-se a usar a língua em situações formais de acordo com a “norma padrão” ou “norma culta”. Esta norma está ligada ao conjunto de usos e costumes linguísticos que rege qualquer língua e é tão indispensável quanto as variações linguísticas: se na fala escolhe-se um vocabulário coloquial, menos preocupado com as regras gramaticais, na escrita deve-se optar pela linguagem padrão, pois um texto repleto de expressões informais pode não ser acessível para todos os tipos de leitores.
- **Fator profissional:** Cada grupo profissional possui um conjunto de nomes e expressões que se ligam à atividade desempenhada; ou seja, essa fator trata do jargão típico de cada área. O campo do Direito, por exemplo, utiliza palavras relacionadas a leis, a artigos e a determinados documentos, assim como a área da Medicina utiliza um vocabulário que apenas os médicos são capazes de entender.

Variação diafásica

A língua varia de acordo com o contexto comunicativo, isto é, a ocasião determina o modo de falar, que pode ser formal ou informal. Esta variação, portanto, refere-se ao registro empregado pelo falante em determinado contexto interacional, ou seja, depende da situação em que a pessoa está inserida.

Em uma palestra, por exemplo, um professor deve utilizar a linguagem formal, isto é, aquela que respeita as regras gramaticais da norma padrão. Por outro lado, em uma conversa com os amigos, esse mesmo professor pode se expressar de forma mais natural e espontânea, sem a obrigação de refletir sobre a utilização da língua de acordo com a norma culta. Nesse mesmo sentido, deve-se reforçar que a linguagem usada na internet e em um texto formal deve ser diferenciada: enquanto, na internet, é permitido o uso de abreviações e o uso de “pra” no lugar de “para”, em uma redação, isso é proibido, uma vez que é um texto que exige a norma culta da língua.

Exercícios

1. Da corrida de submarino à festa de aniversário no trem

Leitores fazem sugestões para o Museu das Invenções Cariocas

“Falar ‘caraca!’ a cada surpresa ou acontecimento que vemos, bons ou ruins, é invenção do carioca, como também o ‘vacilão’.”

“Cariocas inventam um vocabulário próprio”. “Dizer ‘merrmão’ e ‘é merrmo’ para um amigo pode até doer um pouco no ouvido, mas é tipicamente carioca.”

“Pedir um ‘choro’ ao garçom é invenção carioca.”

“Chamar um quase desconhecido de ‘querido’ é um carinho inventado pelo carioca para tratar bem quem ainda não se conhece direito.”

“O ‘ele é um querido’ é uma forma mais feminina de elogiar quem já é conhecido.”

SANTOS, J. F. Disponível em: www.oglobo.globo.com. Acesso em: 6 mar. 2013 (adaptado).

Entre as sugestões apresentadas para o Museu das Invenções Cariocas, destaca-se o variado repertório linguístico empregado pelos falantes cariocas nas diferentes situações específicas de uso social. A respeito desse repertório, atesta-se o(a)

- a) desobediência à norma-padrão, requerida em ambientes urbanos.
- b) inadequação linguística das expressões cariocas às situações sociais apresentadas.
- c) reconhecimento da variação linguística, segundo o grau de escolaridade dos falantes.
- d) identificação de usos linguísticos próprios da tradição cultural carioca.
- e) variabilidade no linguajar carioca em razão da faixa etária dos falantes.

- 2.** Contam, numa anedota, que certo dia Rui Barbosa saiu às ruas da cidade e se assustou com a quantidade de erros existentes nas placas das casas comerciais e que, diante disso, resolveu instituir um prêmio em dinheiro para o comerciante que tivesse o nome de seu estabelecimento grafado corretamente. Dias depois, Rui Barbosa saiu à procura do vencedor. Satisfeito, encontrou a placa vencedora: “Alfaiataria Águia de Ouro”. No momento da entrega do prêmio, ao dizer o nome da alfaiataria, Rui Barbosa foi interrompido pelo alfaiate premiado, que disse:

– Sr. Rui, não é “águia de ouro”; é “aguia de ouro”!

O caráter político do ensino de língua portuguesa no Brasil. Disponível em:
<http://rosabe.sites.uol.com.br>. Acesso em: 2 ago. 2012.

A variação linguística afeta o processo de produção dos sentidos no texto. No relato envolvendo Rui Barbosa, o emprego das marcas de variação objetiva

- a) evidenciar a importância de marcas linguísticas valorizadoras da linguagem coloquial.
- b) demonstrar incômodo com a variedade característica de pessoas pouco escolarizadas.
- c) estabelecer um jogo de palavras a fim de produzir efeito de humor.
- d) criticar a linguagem de pessoas originárias de fora dos centros urbanos.
- e) estabelecer uma política de incentivo à escrita correta das palavras.

3. Evocação do Recife

A vida não me chegava pelos jornais nem pelos livros
 Vinha da boca do povo na língua errada do povo
 Língua certa do povo
 Porque ele é que fala gostoso o português do Brasil
 Ao passo que nós
 O que fazemos
 É macaquear
 A sintaxe lusiada...

BANDEIRA, M. *Estrela da vida inteira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

Segundo o poema de Manuel Bandeira, as variações linguísticas originárias das classes populares devem ser

- satirizadas, pois as várias formas de se falar o português no Brasil ferem a língua portuguesa autêntica.
- questionadas, pois o povo brasileiro esquece a sintaxe da língua portuguesa.
- subestimadas, pois o português “gostoso” de Portugal deve ser a referência de correção linguística.
- reconhecidas, pois a formação cultural brasileira é garantida por meio da fala do povo.
- reelaboradas, pois o povo “macaqueia” a língua portuguesa original.

4.



No último balão da tirinha de Maurício de Sousa, o autor escreveu “mais” em vez de “mas” na tentativa de representar, na escrita, a forma como a personagem Chico Bento, supostamente, pronunciaria a conjunção adversativa. Existem diversas formas e níveis de variação linguística, justamente, porque somos influenciados por diversos fatores, tais como: região, escolaridade, faixa etária, contexto comunicativo, papel social etc.

Com base nesses pressupostos, assinale a alternativa que representa uma variante linguística característica do falar popular mineiro.

- “Aquele fi duma égua só me deixou aperreado”.
- “Protesto, meritíssimo! A testemunha não havia falado da agressão.”
- “Capaz, guri! Só tava de bobeira contigo, bagual!”
- “Uai? Cê já chegô, só? Peraí, que eu já tô saíno!”
- “Aquele mina é firmeza, mano!”

5. Todas as variedades linguísticas são estruturadas, e correspondem a sistemas e subsistemas adequados às necessidades de seus usuários. Mas o fato de estar a língua fortemente ligada à estrutura social e aos sistemas de valores da sociedade conduz a uma avaliação distinta das características das suas diversas modalidades regionais, sociais e estilísticas. A língua padrão, por exemplo, embora seja uma entre as muitas variedades de um idioma, é sempre a mais prestigiosa, porque atua como modelo, como norma, como ideal linguístico de uma comunidade. Do valor normativo decorre a sua função coercitiva sobre as outras variedades, com o que se torna uma ponderável força contrária à variação.

Celso Cunha. *Nova gramática do português contemporâneo*. Adaptado.

Depreende-se do texto que uma determinada língua é um:

- a) conjunto de variedades linguísticas, dentre as quais uma alcança maior valor social e passa a ser considerada exemplar.
 - b) sistema de signos estruturado segundo as normas instituídas pelo grupo de maior prestígio social.
 - c) conjunto de variedades linguísticas cuja proliferação é vedada pela norma culta.
 - d) complexo de sistemas e subsistemas cujo funcionamento é prejudicado pela heterogeneidade social.
 - e) conjunto de modalidades linguísticas, dentre as quais algumas são dotadas de normas e outras não o são.
6. Vício na fala
Para dizerem milho dizem mio
Para melhor dizem mió
Para pior pió
Para telha dizem teia
Para telhado dizem teiado
E vão fazendo telhados.

OSWALD, A. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978, p.47.

O poema de Oswald de Andrade apresenta a temática do uso da língua, muito abordada pela primeira fase do Modernismo. O poema "Vício na fala" enfatiza a variação linguística em seu nível:

- a) semântico
- b) lexical
- c) morfológico
- d) sintático
- e) fonético

7. – Famigerado? [...]
– Famigerado é “inóxico”, é “célebre”, “notório”, “notável”...
– Vosmecê mal não veja em minha grossaria no não entender. Mais me diga: é desaforado? É caçoável? É de arrenegar? Farsância? Nome de ofensa?
– Vilita nenhuma, nenhum doesto. São expressões neutras, de outros usos...
– Pois... e o que é que é, em fala de pobre, linguagem de em dia de semana?
– Famigerado? Bem. É: “importante”, que merece louvor, respeito...

ROSA, G. Famigerado. In: *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

Nesse texto, a associação de vocábulos da língua portuguesa a determinados dias da semana remete ao

- a) local de origem dos interlocutores.
- b) estado emocional dos interlocutores.
- c) grau de coloquialidade da comunicação.
- d) nível de intimidade entre os interlocutores.
- e) conhecimento compartilhado na comunicação.

8. Nuances

Euforia: alegria barulhenta. Felicidade: alegria silenciosa.

Gravar: quando o ator é de televisão. Filmar: quando ele quer deixar claro que não é de televisão.

Grávida: em qualquer ocasião. Gestante: em filas e assentos preferenciais.

Guardar: na gaveta. Salvar: no Computador. Salvarguardar: no Exército.

Menta: no sorvete, na bala ou no xarope.

Hortelã: na horta ou no suco de abacaxi.

Peça: quando você vai assistir. Espetáculo: quando você está em cartaz com ele.

DUVIVIER, G. Folha de S. Paulo, 24 mar. 2014 (adaptado)

O texto trata da diferença de sentido entre vocábulos muito próximos. Essa diferença é apresentada considerando-se a(s)

- a) alternâncias na sonoridade.
- b) adequação às situações de uso.
- c) marcação flexional das palavras.
- d) grafia na norma-padrão da língua.
- e) categorias gramaticais das palavras.

9. PINHÃO Sai ao mesmo tempo que BENONA entra.
BENONA: Eurico, Eudoro Vicente está lá fora e quer falar com você.
EURICÃO: Benona, minha irmã, eu sei que ele está lá fora, mas não quero falar com ele.
BENONA: Mas Eurico, nós lhe devemos certas atenções.
EURICÃO: Você, que foi noiva dele. Eu, não!
BENONA: Isso são coisas passadas.
EURICÃO: Passadas para você, mas o prejuízo foi meu. Esperava que Eudoro, com todo aquele dinheiro, se tornasse meu cunhado. Era uma boca a menos e um patrimônio a mais. E o peste me traiu. Agora, parece que ouviu dizer que eu tenho um tesouro. E vem louco atrás dele, sedento, atacado de verdadeira hidrofobia. Vive farejando ouro, como um cachorro da molest'a, como um urubu, atrás do sangue dos outros. Mas ele está enganado. Santo Antônio há de proteger minha pobreza e minha devoção.
SUASSUNA, A. O santo e a porca, Rio de Janeiro: José Olympio, 2013 (fragmento)

Nesse texto teatral, o emprego das expressões "o peste" e "cachorro da molest'a" contribui para

- marcar a classe social das personagens.
 - caracterizar usos linguísticos de uma região.
 - ênfatar a relação familiar entre as personagens.
 - sinalizar a influência do gênero nas escolhas vocabulares.
 - demonstrar o tom autoritário da fala de uma das personagens.
10. Quando vou a São Paulo, ando na rua ou vou ao mercado, apuro o ouvido; não espero só o sotaque geral dos nordestinos, onipresentes, mas para conferir a pronúncia de cada um; os paulistas pensam que todo nordestino fala igual; contudo as variações são mais numerosas que as notas de uma escala musical. Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí têm no falar de seus nativos muito mais variantes do que se imagina. E a gente se goza uns dos outros, imita o vizinho, e todo mundo ri, porque parece impossível que um praiano de beira-mar não chegue sequer perto de um sertanejo de Quixeramobim. O pessoal do Cariri, então, até se orgulha do falar deles. Têm uns tês doces, quase um the; já nós, ásperos sertanejos, fazemos um duro au ou eu de todos os terminais emal ou el – carnavau, Raqueu... Já os paraibanos trocam o l pelo r. José Américo só me chamava, afetuosamente, de Raquer."

QUEIROZ, Raquel. O Estado de São Paulo. 09 maio 1998.

Raquel de Queiroz comenta, em seu texto, um tipo de variação linguística que se percebe no falar de pessoas de diferentes regiões. As características regionais exploradas no texto manifestam-se:

- na fonologia.
- no uso do léxico.
- no grau de formalidade.
- na organização sintática.
- na estruturação morfológica.

Gabarito

1. **D**

As expressões enviadas pelos leitores como sugestões para o Museu das Invenções Cariocas pertencem ao repertório coloquial carioca (“caraca”, “vacilão”, “mermão”, etc).

2. **C**

No início do texto, o narrador já avisa tratar-se de uma piada, logo, o efeito entre águia, o belo pássaro, e águia, forma popular de referir-se à agulha, estabelece um jogo de palavras a partir da mudança da sílaba tônica: águia, com a tônica no primeiro a, com a palavra águia, com a tônica na sílaba gu. Aproveitam-se as semelhanças gráficas entre as duas palavras para criar um trocadilho bem-humorado.

3. **D**

Os poetas da primeira geração modernista tinham muito repeito pela língua portuguesa usada pelas pessoas mais simples, por acreditarem ser esta linguagem, a verdadeira tradução do povo brasileiro.

4. **D**

As demais variantes são, respectivamente: nordestina, linguagem tipicamente jurídica, gaúcha e paulista.

5. **A**

Segundo Celso Cunha, todas as variedades linguísticas que constituem um idioma são estruturadas e obedecem às necessidades de seus usuários. Mas, como a língua está fortemente ligada às estruturas sociais, uma dessas variedades alcança maior valor social e passa a ser considerada a língua padrão.

6. **E**

Existe variação fonética quando uma mesma palavra é pronunciada de formas diferentes.

7. **C**

A utilização da linguagem informal retrata um grau de coloquialidade na comunicação entre os interlocutores. O personagem usa as palavras “importante” e “que merece louvor” para facilitar a compreensão do seu receptor.

8. **B**

No texto “Nuances”, Gregório Duvivier acentua humoristicamente as diferenças de sentido que determinadas palavras adquirem no contexto e ocasiões em que são usadas.

9. **B**

As expressões “o peste” e “cachorro da molest’a” são típicas do falar nordestino, o que também vai ao encontro do fato de Ariano Suassuna ser um autor que normalmente retrata essa região e suas variações.

10. **A**

A Fonologia é o ramo da Linguística que estuda o sistema sonoro de um idioma. Ao comentar as variações que se percebem no falar de pessoas de diferentes religiões (“Têm uns tês doces, quase um the; já nós, ásperos sertanejos, fazemos um duro au ou eu de todos os terminais em al ou el – carnavau, Raqueu... Já os paraibamos trocam o l pelo r. José Américo só me chamava afetuosamente, de Raquer”), a autora analisa as mudanças fonéticas características de cada região.